

# Aula 7

## DEMOCRACIA E ESCRAVIDÃO NA GRÉCIA ANTIGA

### **META**

Apresentar as características básicas do regime democrático em Atenas.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
listar as reformas democráticas durante o período arcaico;  
listar as características geográficas básicas do regime democrático na Grécia Antiga;  
relacionar democracia e escravidão

### INTRODUÇÃO

Depois de termos estudado, na aula anterior, os fundamentos básicos da cidade-Estado na Grécia Antiga, quando vimos a forma organizacional da pólis e sua estrutura de governo através dos conselhos, assembléias e magistrados, nessa aula abordaremos com mais detalhes alguns de seus aspectos. Nela estudaremos a organização do regime democrático na Atenas Clássica e sua relação com a escravidão. Boa aula!



Vista atual da acrópole ateniense.  
(Fonte: <http://www.artlex.com>).

Quando a cidade-estado grega surge para nós no cenário histórico, já aparece assolada por graves crises que afetarão seu desenvolvimento do século VII em diante. Um complexo conjunto de fatores liga-se às causas que teriam motivado as situações de conflitos e dificuldades por quais passaram muitas das mais importantes cidades gregas, embora Atenas seja praticamente a única que podemos visualizar com um pouco mais de clareza sobre o que aconteceu. Aristóteles, relatando esses acontecimentos, observou o seguinte:

Com efeito, naquela época o regime era oligárquico em todos os seus aspectos, e particularmente os pobres (eles próprios mais as mulheres e filhos) tornavam-se escravos dos ricos. Dava-se-lhes o nome de pélatas e de hectamórios, pois era por esse arrendamento

que eles cultivavam os campos dos ricos (uma minoria detinha todas as terras) e, caso não pagassem os arrendamentos, eles próprios mais seus filhos eram passíveis de cativo. Também os empréstimos em geral incidiam sobre as pessoas mesmas até a época de Solon, o qual veio ser o primeiro líder do povo. Para a maioria, então, a escravização era a mais penosa e mais amarga das disposições do regime; entretanto também estavam descontentes a outros respeito, pois, pode-se dizer, sucedia que de nada participavam.

Aristóteles observa que nos princípios da pólis ateniense o regime era oligárquico e os pobres tornavam-se escravos dos ricos. O motivo apontado por ele, para a condição em que os pobres se encontravam, eram as dívidas contraídas por eles. As prestações dos arrendamentos e os empréstimos incidiam sobre suas pessoas, esposas e filhos de tal forma que se não fossem quitadas poderiam ser tomados como escravos.

Porém, não devemos nos enganar quanto aos reais motivos que os colocavam nessa situação. Aristóteles mesmo aponta o núcleo do problema. A propriedade das terras concentrava-se nas mãos de uma minoria rica, obrigando a maioria mais pobre a se submeter aos mais ricos por meio de contratos de arrendamentos e empréstimos para poderem viver. Era essa situação de dependência que os levava ao endividamento. A concentração da propriedade da terra nas mãos da aristocracia era a causa da situação aflitiva.

Mas, segundo Aristóteles, as queixas do povo não paravam por aí. Havia descontentamento também em relação ao direito de participação política na condução dos negócios da cidade, pois os principais cargos públicos e o conselho, principal instância decisória nos primórdios de Atenas arcaica, eram ocupados pelo critério da nobreza e da riqueza.

Outra questão importante associada a esse cenário de crises foi o aumento demográfico. O crescimento da população gerou pressões sociais que não podiam ser solucionadas nos quadros tradicionais da sociedade arcaica.

Em uma região cujas terras cultiváveis não são abundantes, torna-se difícil sustentar uma crescente população, principalmente para os pequenos proprietários, que não ocupavam as melhores terras e sustentavam-se com seus poucos recursos. A eles restavam os empréstimos, os arrendamentos e, muitas vezes como consequência, a escravidão.

Em muitas das cidades-Estado gregas, uma das respostas dadas a esse grave situação foi a fundação de colônias em outras regiões. Colônias que não devem ser entendidas no mesmo sentido das que caracterizaram o mundo moderno, subordinadas a uma metrópole. Elas eram independentes da sua cidade-mãe. Ambas se constituíam como pólis autônomas. Por meio da colonização, pretendia-se aliviar a pressão demográfica. Os que perdiam suas terras, os endividados e os proprietários de terra muito pobres encontravam nela uma forma de solução de seus problemas.

O quadro – grave – dos problemas relacionados à terra completa-se com um aumento demográfico significativo durante o período arcaico. Em resumo, não havia terras para todos; o solo grego não produzia suficiente alimento para o sustento de uma população em crescimento e, cada vez mais, as poucas terras férteis concentravam-se nas mãos de poucos, que ao mesmo tempo usufruíam do poder político (FLORENZANO, p.28).

Embora Atenas não tenha participado diretamente nesse processo como cidade-mãe, promovendo a transferência de parte de sua população para outras regiões, nada impedia que seus habitantes se envolvessem nesse movimento. Porém isso é apenas uma hipótese e não temos como avaliar de que maneira a população ateniense teria se envolvido nele. Mas, um dos efeitos do movimento colonizador teve conseqüências claras em Atenas. Graças a ele, promoveu-se a dinamização das relações comerciais envolvendo as cidades gregas, e a cidade de Atenas foi uma de suas principais beneficiadas. Com ela, abriu-se mercado para diversos produtos que a cidade viria a se especializar em produzir, como azeite, vinho e cerâmicas. O desenvolvimento das atividades comerciais serviu para absorver parte da população que não mais encontrava formas de sustento no campo e proporcionou recursos para a importação de trigo, então fundamental para o sustento da população.



(Fonte: <http://en.wikipedia.org>).

Porém se a colonização e a dinamização do comércio serviram como válvula de escape para os graves problemas que tinham sua origem no campo, elas também tornaram a sociedade mais complexa e potencialmente muito mais explosiva. Difícil avaliar até que ponto elas contribuíram para minorar ou intensificar o conflito envolvendo, de um lado, aqueles que Aristóteles denominou de ricos e notáveis, de outro, o povo. Seja como for, o conflito eclodiu.

Conta a tradição que, diante dos conflitos, os grupos em confronto decidiram nomear **Sólón** para realizar reformas que pusessem fim às discórdias. Dentre as principais medidas adotadas por ele, com esse fim, estavam o cancelamento das dívidas existentes, a proibição da escravização por dívidas e o repatriamento dos atenienses vendidos como escravos.

No campo político, as medidas de **Sólón** abriram caminho para o regime democrático. Ele dividiu o corpo de cidadãos em 4 classes censitárias, pelo critério da riqueza, dando direito de participação política, embora restrita, mesmo aos cidadãos mais pobres, que passaram a ter direito de participação na assembléia. Tal medida, embora mantivesse o acesso aos cargos mais importantes aos mais ricos, ela alterava um dos princípios fundamentais que norteavam a constituição da sociedade até então. Com ela, o princípio do nascimento, da origem, tão caro aos estratos da aristocracia tradicional, foi substituído pelo da riqueza.

Ver glossário no final da Aula

Porém tais medidas não foram suficientes para conter os conflitos. Sólon reconheceu à nobreza o direito às suas terras e não promoveu a redistribuição das propriedades, não alterando, assim, a situação difícil dos pequenos proprietários ou daqueles que não possuíam terra, embora tivesse proibido que por suas dívidas fossem escravizados. Por sua vez, no seio da nobreza, grupos rivais disputando o poder buscavam o apoio dessas camadas empobrecidas e descontentes.

É nesse contexto de lutas que Pisístrato, liderando o povo, torna-se tirano e adota medidas importantes que colocaram Atenas no caminho que a levou se tornar uma das cidades mais importantes do mundo grego. Ele promoveu um programa de construções públicas e o desenvolvimento das atividades comerciais, propiciando empregos para trabalhadores urbanos e novas oportunidades de obtenção de riquezas. E, para os pequenos proprietários do campo em dificuldade, proporcionou assistência financeira, fornecendo-lhes créditos. Embora muitas vezes ligue-se o nome de Pisístrato a uma possível reforma agrária, tal observação fundamenta-se em suposições que não possuem respaldo de fontes históricas.

O fato é que a tradição não registrou reforma agrária, nem com Pisístrato, nem com nenhum outro, o que nos leva a pensar que a observação de Aristóteles de que “toda a terra estaria nas mãos da aristocracia” seja um pouco exagerada, pois ele mesmo, em seu relato, não registra em que momento a terra teria sido redistribuída. Portanto, o melhor é nos ater às linhas gerais dos conflitos que se instauram nos princípios da pólis arcaica, e que levaram ao modelo democrático.

No centro desses conflitos estão a questão agrária e a questão política. Embora não possamos avaliar em que nível, pois nossas fontes não permitem, nos princípios do período arcaico, um processo de endividamento e escravização, era favorecida a concentração de terras nas mãos de uma pequena nobreza, em detrimento dos pequenos agricultores livres, que, além de estarem ameaçados pela perda de suas propriedades e liberdades, também não tinham o direito de participação nos negócios da cidade, pois o poder de tomar decisões encontrava-se então nas mãos da aristocracia proprietária, que controlava o acesso aos principais funções de governo: os magistrados e o Conselho do Areópago.

Foi contra o monopólio político da nobreza e o processo de expansão de grandes propriedades, levando a maior parte da população a uma condição servil, que as forças políticas levaram ao nascimento da democracia. A preservação da pequena e média propriedade agrária foi um dos fundamentos que sustentou o regime democrático de Atenas, em seu período clássico.

**Foi Clístenes, um nobre ateniense, que, após a tirania dos Pisistratas, reformou a constituição em 508 a.C, dando-lhe as feições básicas que a marcaram no período democrático. Considerado o pai da democracia, proporcionou aos cidadãos, independentemente do critério de renda, o direito de voto e ocupação dos mais diversos cargos, sem restrições.**

Atenas tinha surgido no início do período arcaico (800 – 500 a.C) como uma cidade oligárquica, na qual os principais cargos públicos eram de acesso exclusivo de uma nobreza rica e poderosa. Foi no decorrer desses trezentos anos que, em meio a violentas lutas políticas, os direitos de participação nas tomadas de decisões da cidade e na sua administração foram se alargando até atingir os mais pobres.

No período clássico (500 – 332), o regime democrático encontrava-se plenamente desenvolvido. Nele, a Eclésia, a assembléia ateniense, constituía-se na principal instância decisória, já que todas as decisões dizendo respeito à cidade eram tomadas pelo corpo de cidadãos reunido na assembléia. Era o primado da soberania popular, do poder do povo.

Porém, caro aluno ou querida aluna, o povo aqui não deve ser confundido com o total da população. Não fazia parte do corpo de cidadãos a maioria da população da cidade. Dele estavam excluídas as mulheres, os escravos e os estrangeiros (metecos em grego). De um total de mais ou menos 300 mil habitantes, o corpo de cidadãos compunha somente uns 35 mil atenienses: homens, maiores de 18 anos e nascidos de pais e mães atenienses. Por isso, respaldados pelos princípios modernos de igualdade, a democracia ateniense costumeiramente recebe muitas críticas por parte daqueles que entendem que ela possuía uma natureza excludente e escravista. Porém, esse é um debate que consideramos anacrônico, pois não podemos julgar uma sociedade fora de seus quadros culturais e sociais, sem que a desfiguremos completamente. Toda sociedade deve ser compreendida em seu próprio contexto histórico de lutas e aspirações. A grande realização da democracia ateniense foi retirar das mãos da nobreza (eupátridas em grego) o monopólio dos cargos políticos e do poder de tomada de decisões a respeito dos negócios da cidade.

Leia e reflita

Caro aluno ou querida aluna, esta atividade tem por finalidade refletirmos sobre a escravidão na sociedade democrática na Grécia Antiga. Leia atentamente o texto com seus colegas e depois discuta a questão no fórum.

A escravidão foi considerada por muito tempo uma mácula no esplendor da civilização grega. Parecia inimaginável que homens capazes de conceber a beleza nas artes, na poesia, na música, no teatro, homens que haviam inventado a democracia, tenham se conformado com um sistema que parecia ser sua própria negação ao transformar um ser humano em uma mercadoria de que era possível dispor à vontade, assimilando os escravos ao gado.

Para adaptar-se a essa realidade, alguns estudiosos modernos procuraram diminuir sua importância, jogando com alguns números transmitidos pelas fontes para afirmar que a escravidão jamais tivera na Grécia um desenvolvimento considerável, e que além disso, na democracia de Atenas, os escravos seriam tratados com um senso de humanidade particular. Outros, evitando raciocinar de maneira sentimental assinalavam ao contrário o caráter necessário da escravidão em certo estágio do desenvolvimento das sociedades humanas e, afirmando o caráter universal da dependência servil, retiraram da escravidão grega sua especificidade, o que era outra forma de absolver os gregos [...]

Chegou-se a aventar que era a escravidão que permitia o funcionamento da democracia ao libertar o cidadão das tarefas práticas. Essa ideia, porém, é irrefletida. Antes de mais nada, porque nem todos atenienses tinham uma vida política constante. Em segundo lugar, porque muitos deles eram obrigados a trabalhar para viver. Nem todos os cidadãos eram ociosos e viviam do trabalho de seus escravos. A maioria – camponeses, artesãos, pequenos comerciantes e pescadores – vivia de seu trabalho, daí ser difícil distingui-los dos escravos que trabalhavam ao seu lado [...]

De fato, para os gregos da época clássica, a escravidão era uma realidade a que os homens sempre se haviam acomodado, e embora que nem todos a considerasse, como Aristóteles, natural, não pensavam em contestar-lhe o princípio (MOSSÉ, 2004, p. 116).

O texto acima nos chama a atenção para o fenômeno da escravidão na sociedade grega. Atenas era uma democracia escravagista. Seria isso uma contradição? Aos olhos modernos parece que sim. É impossível para nós imaginarmos uma sociedade democrática em que todos sejam iguais perante a lei e que permita a prática da escravidão. A escravidão, considerada como

desrespeito à condição humana, infringindo os mais básicos direito da pessoa, da liberdade, aparece para nós como algo totalmente contraditório com os princípios de uma sociedade democrática. Porém, em Atenas, ela se desenvolveu conjuntamente com a democracia.

Na medida em que a luta política impediu que os pequenos e médios proprietários de terra perdessem suas terras e caíssem em diversas formas de dependência, tornando-se mão de obra servil, a aristocracia ateniense foi obrigada a ir buscar fora de Atenas a mão de obra que lhe faltava para suprir suas necessidades de mão de obra. Fez isso comprando escravos estrangeiros.

A mão de obra escrava foi utilizada em vários setores da sociedade grega. Na lavoura, no comércio e no artesanato. Não eram apenas os grandes proprietários de terra ou aqueles que possuíam grandes oficinas de produtos artesanais que possuíam escravos, mas também os pequenos e médios proprietários tinham condição de comprá-los. Estima-se que, em seu período de maior desenvolvimento, em Atenas deveria haver uns 100 mil escravos. Se levarmos em consideração uma população total de 300 mil habitantes, eles formariam por volta de 1/3 da população. Lembrando que tais cifras são hipotéticas e servem apenas para uma tosca visualização dimensional da escravidão como fenômeno social na Atenas Clássica.



### ATIVIDADES

1. Segundo Aristóteles, de acordo com o texto apresentado nesta aula, qual seria a causa que motivou o conflito entre “os do povo” e a aristocracia?
2. No período clássico, Atenas transformou-se em uma democracia escravagista. Qual foi a relação entre a adoção do regime democrático e a expansão da escravidão?

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Segundo Aristóteles, o conflito deveu-se às condições em que “os do povo” viviam, pois além de estarem endividados e sendo escravizados pela nobreza, também não tinham direito à participação política.
2. Na medida em que a luta política impediu que a massa de camponeses caísse em um regime de dependência direta da aristocracia, esta teve que recorrer à compra de escravos estrangeiros para suprir suas necessidades de mão de obra



## CONCLUSÃO

A palavra democracia em grego significa “o poder do povo”.

Caracterizado como o governo da maioria, o regime democrático surgiu em Atenas como substituição ao regime oligárquico, que em grego significa “poder da minoria”.

Em Atenas, a democracia esteve intimamente ligada à expansão da escravidão, pois na medida em que os cidadãos iam conquistando seus direitos de participação nas decisões da cidade e se livrando da dependência direta dos mais ricos, estes, para substituir a mão de obra que lhes faltava para trabalhar em suas propriedades, passaram a recorrer a escravos estrangeiros.



## RESUMO

Foi durante o período arcaico que ocorreram as reformas políticas que levaram ao regime democrático em Atenas. Sólon, Pisístrato, Clístenes e Péricles (este já no período clássico) são os principais nomes ligados à implantação do regime legado pela tradição. Nele, o conjunto dos cidadãos se reunia na assembléia para votar e decidir as questões que envolviam a cidade. Porém, não era toda a população que possuía o direito de participação política. Dela estavam excluídos escravos, mulheres e estrangeiros. Para ser cidadão em Atenas, a partir de Péricles, era necessário ser nascido de pai e mãe atenienses e ter mais de 18 anos de idade.



## AUTO-AVALIAÇÃO

. Durante o período arcaico ocorreu um movimento de colonização que levou à fundação de diversas cidades-Estado gregas. Quais seriam os fatores sociais que estariam associados a esse movimento?

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. O crescimento demográfico foi um dos fatores importantes que se ligam ao movimento colonizador dos séculos VIII e VII. O aumento demográfico associado à concentração da posse da terra nas mãos de uma pequena aristocracia fazia com que partes crescentes da população não encontrassem formas de sustento, levando-as a cair em diversas formas de dependência. A colonização era uma forma de aliviar a pressão demográfica, escoando parte da população excedente para fundarem cidades em outros lugares.



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, abordaremos as guerras e conflitos que marcaram as cidades gregas durante o período clássico.

### REFERÊNCIAS

FLORENZANO, M.B. **O Mundo Antigo: economia e sociedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MOSSÉ, C. **Dicionário da Civilização Grega**. Trad. Carlos Ramalhet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

### GLÓSSARIO

Sólón: Sua medida decisiva foi abolir os pagamentos de dívidas sobre a terra, mecanismo típico pelo qual os pequenos proprietários se tornavam presa dos grandes latifundiários e se tornavam seus rendeiros dependentes, ou rendeiros que se tornavam cativos dos proprietários aristocráticos. O resultado foi conter o crescimento das propriedades nobres e estabilizar o modelo das pequenas e médias propriedades que daí em diante passaram a caracterizar o campo na Ática (FLORENZANO, p. 32).